

A ESCOLHA OU O DESEMBESTADO, DE ARIIVALDO MATOS NA IMPRENSA BAIANA

Mabel Meira Mota (UFBA)

mabelmmota@gmail.com

Rosa Borges dos Santos (UFBA)

borgesrosa6@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

Dentre as múltiplas formas de “extravasamento do eu” (MOISES, 1998, p. 50), que têm suscitado o interesse e o estudo de pesquisadores de áreas diversas, encontram-se as pesquisas de fontes, realizadas em arquivos pessoais de literatos e intelectuais, no qual é possível a “associação entre escrita e vida, memória e sujeito” (SOUZA, 2000 *apud* GOMES, 2002, p. 98).

Embora guarde a memória de um indivíduo impulsionado pelo medo do esquecimento, pela perda da memória individual, a prática de guardar papéis tem, ainda, a função de suplementar a memória cultural e intelectual de uma sociedade. O arquivo pessoal é a expressão direta do cotidiano e do contexto em que foi instituído, funcionando como via de acesso à mentalidade de uma época.

O arquivo pessoal de Ariovaldo Matos reúne um conjunto de materiais organizados pelo autor a partir de temas ou tipos, isto é, de jornais, fotos, correspondências e certificados de prêmios. Recortam-se para análise, os jornais, publicados no âmbito local e/ou nacional reunidos pelo autor para testemunhar a abrangência de sua obra e sua representatividade individual na intelectualidade baiana. Tais elementos configuram-se como documentação acessória (paratextual) que contribui para a investigação filológica, interpretação e estabelecimento do texto crítico. Além disso, possibilita situar o autor e sua obra num momento histórico-literário, sobre o qual se debruça a *Equipe de edição de textos teatrais censurados*, coordenada pela Profa. Dra. Rosa Borges, ao se propor a editar e estudar textos de teatro censurados.

A partir do exposto, apresentar-se-á, no presente artigo, uma leitura filológica dos recortes de jornais referente ao texto *A escolha ou o desembestado*, de Ariovaldo Matos, no intuito de compreender o contexto de recepção da obra dramática do autor.

2. *Investigações filológicas e os “lugares de memória”*

Ao longo do tempo, a crítica textual tem sido comumente imbuída de preservar o patrimônio escrito da humanidade através da prática editorial que resulta na apresentação de um texto crítico ou uma reprodução documental, conforme o objetivo do estudo a que se propõe.

De acordo com Cano Aguilar (2000, p. 16), a filologia é definida como “ciencia que estudia el lenguaje, la literatura y todos los fenómenos de cultura de un pueblo o de un grupo de pueblos por medio de textos escritos”⁸. Nessa perspectiva, a partir de procedimentos metodológicos que norteiam a prática de edição e interpretação de textos, a filologia traz a lume a memória presente nestes. Esta, por sua vez, não se restringe ao âmbito individual, mas se expande para o coletivo, para a memória cultural de uma sociedade.

Lausberg (1981, p. 81) aponta como tarefa tripla da filologia a “interpretação de textos e a integração superior dos textos (na história da literatura e na fenomenologia literária)”. Responsabilizado por resgatar, interpretar e editar tais textos, disponibilizando-os posteriormente para a sociedade, o crítico textual, deve tomá-los enquanto testemunhos, documentos e monumentos.

De acordo com Le Goff (2003, p. 537-538) o documento é “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziam”. Santos (2008) corrobora esta afirmativa ao propor considerar o texto como “*testemunho* materializado em determinado suporte, de uma época, de uma sociedade, de uma região, que, enquanto *documento*, é a prova que se tem dos fatos que marcaram dada sociedade, por exemplo, e, enquanto *monumento*, transmite a outros a memória” (SANTOS, 2008).

Nesta perspectiva, é possível pensar nos textos que compõe a dramaturgia de Ariovaldo Matos, como “lugares de memória”, que na acepção de Pierre Nora (1981, p. 21) “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional” que coexistem simultaneamente. Desse modo, apesar de não possuir a concretude de um lugar físico – como museus, bibliotecas e arquivos – o texto tem a capa-

⁸ Tradução nossa: “ciência que estuda a língua, a literatura e de todos os fenômenos de cultura de um povo ou de um grupo de pessoas através de textos escritos”.

cidade de cristalizar uma memória, pois há no suporte material ⁹ “uma aura simbólica” que reflete a época em que foi produzido; assim como há, no seu teor, a manifestação de uma subjetividade que recompõe um momento histórico-cultural e impede o trabalho do esquecimento, viabilizando a preservação da memória e o reforço da identidade individual e coletiva.

Desse modo, considerados como documentos sociais, ideológicos, históricos, literários e culturais, “que compõe a memória do teatro na Bahia no cenário da ditadura militar, bem como a memória da própria ditadura” (SANTOS, 2009), tem-se buscado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, não somente editar e recuperar os textos do dramaturgo baiano submetidos ao exame dos órgãos de censura, mas também estudar os textos que compõe o seu entorno (documentação acessória). Fazem parte dessa documentação os pareceres dos censores, o certificado de censura, entrevistas publicadas, depoimentos colhidos e os textos de imprensa selecionados e guardados pelo autor no seu arquivo pessoal, considerados com documentação necessária ao pleno exercício do labor filológico.

2.1. Textos de imprensa: paratextos editoriais em auxílio do filólogo

A investigação filológica parte, primeiramente, da reunião dos elementos que possibilitem o exame da tradição – conjunto de “los testimonios que nos han transmitido la obra”¹⁰ (PRIEGO, 1997, p. 51-52). Como afirma Pérez Priego (1997, p. 36), em *La edición de textos*,

Los testimonios son efectivamente individuos históricos, con una fisionomía propia, portadores en su seno muchas veces de elocuentes huellas y datos respecto de donde se compusieron, quién los encargó o poseyó, quiénes fueron los copistas, los impresores, los lectores, qué tipo de papel y de letra fue utilizado, qué taller tipográfico, etc. Todo ello nos proporciona una infor-

⁹ Almuth Grésillon, em *elementos de crítica genética* (2007), afirma que o manuscrito é um objeto material, objeto cultural e objeto de conhecimento. No que diz respeito ao suporte de escrita, a autora afirma que “cada página possui sua forma e sua semiótica próprias: liberdade de gestão do espaço gráfico, variabilidade da orientação, do comprimento e do número de linhas, riscos e acréscimos [...]” (GRÉSILLON, 2007, p. 51).

¹⁰ Tradução nossa: “os testemunhos que nos transmitiram a obra”.

mación muy interesante, por supuesto, para la historicultural, pero también muy rica y aprovechable desde la pura crítica textual [...].¹¹

Investigar a história da tradição faz-se relevante para a crítica textual no que tange ao entendimento do sujeito que assume um discurso em dado cenário sócio-histórico e cultural. A filologia textual torna possível, então, conhecer os textos “na plenitude de seu significado sensível e representativo”, por meio desta “se conhece um autor, um discurso ou um conceito” (RIGHI, 1967 *apud* ARAÚJO, 1986, p. 195). Para isso, a prática filológica conta com o auxílio dos paratextos.

O conceito de paratexto foi proposto por Gerard Genette, inserido naquilo que o autor denomina como transtextualidade, ou seja, “tout ce qui met en relation, manifeste ou secrète, avec d’autres textes”¹² (GENETTE, 1982, p. 7). O paratexto é, então, um conjunto de informações disponibilizadas em diversos meios e temporalidades que estabelece a relação entre leitor e texto, viabilizando a interpretação do texto.

Conforme o autor, o paratexto é uma “mensagem materializada”, disponibilizada em diversos lugares. Os elementos que o constituem são:

[...] titre, sous-titre, intertitres; préfaces, post-faces, avertissements, avant-propos, etc.; notes marginales, infrapaginales, terminales; épigraphes; elustrations; prière d’insérer, bande, jaquette, et biend’autres types de signaux accessoires, autographes ou alographes, qui procurent au texte un entourage (variable et parfois un commentairie, officiel ou afficieux, dont le lecteur le plus puriste et le moins porte à l’erudition externe ne peut os toujours disposer aussi facilement qu’“il le voudrait et le prétend (GENETTE, 1982, p.10).¹³

¹¹ Tradução nossa: Os testemunhos são efetivamente indivíduos históricos, com uma fisionomia própria, portadores, em seu cerne, muitas vezes, de eloqüentes marcas e dados sobre onde foram compostos, quem os encomendou ou possuiu, quem foram os copistas, os impressores, os leitores, que tipo de papel e de letra foi utilizado, em que tipografia etc. Tudo isso nos proporciona, seguramente, uma informação muito interessante para a história cultural, mas também muito rica e aproveitável sob a perspectiva da pura crítica textual.

¹² Tradução nossa: “tudo aquilo que o coloca em relação, manifesta ou secreta com outros textos”.

¹³ Tradução nossa: Título, subtítulo, intertítulos; prefácios, posfácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatória, tira, jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um entorno (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende.

Para Genette (2009, p. 10), o paratexto¹⁴ se constitui numa “‘zona indecisa’, entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto), nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto)”. Além de espaço de transição, o autor afirma que o paratexto situa-se ainda como espaço de transação¹⁵, pois está a serviço de “uma melhor acolhida do texto, de uma leitura mais pertinente do texto [...] aos olhos do autor e de seus aliados” (2009, p. 10).

O paratexto equivale ao elo que regula a intersecção entre o contexto de produção do texto e o contexto de sua leitura. Ele possibilita o contato entre o “mundo do autor”, o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, conforme expressões utilizadas por Ricoeur (1995), no terceiro volume de *Tempo e Narrativa*.

Na esfera do que se entende por paratexto, selecionam-se os materiais de imprensa referentes ao texto *A Escolha ou O Desembestado*, de Ariovaldo Matos, para descrição e análise. Trata-se de 122 recortes de jornais, em geral, colados em papel A4, acompanhados da identificação do jornal, data, seção e autor. Estes podem aparecer individualmente ou dispostos em um mesmo papel acompanhados das respectivas identificações, conforme exemplo que segue (na **Fig. 1**)

Os recortes de jornais reunidos por Ariovaldo Matos em seu arquivo foram higienizados, digitalizados, mantendo-se o suporte original dos mesmos. Este material, incluído na Classe Publicações na Imprensa, não está limitado a fazer referência aos textos de teatro produzidos pelo autor, mas ao conjunto de sua produção literária e jornalística, bem como são, em geral, produzidos por outras pessoas. Para fins de catalogação, optou-se por subdividi-las em três categorias: Publicações na Imprensa sobre Ariovaldo Matos, Publicações na Imprensa de autoria de Ariovaldo Matos e Entrevistas. Houve, ainda, a necessidade de criação de subcategorias referentes ao tema: Produção Teatral, Produção Literária e Produção Jornalística.

¹⁴ Genette afirma que o paratexto “tem necessariamente um *lugar*, que se pode situar em relação àquela do próprio texto [...] e, às vezes, no s interstícios do texto”. O paratexto é dividido pelo autor em peritexto (situado dentro do próprio texto, como os títulos de capítulos e notas) e epitexto (situado no entorno do texto, como entrevistas, diários íntimos etc.).

¹⁵ Tal pensamento encontra eco em Bakhtin (1986 *apud* KOCH *et ali*, 2007, p. 16), para quem “o texto só encontra vida em contato com outros textos (com o contexto)”.

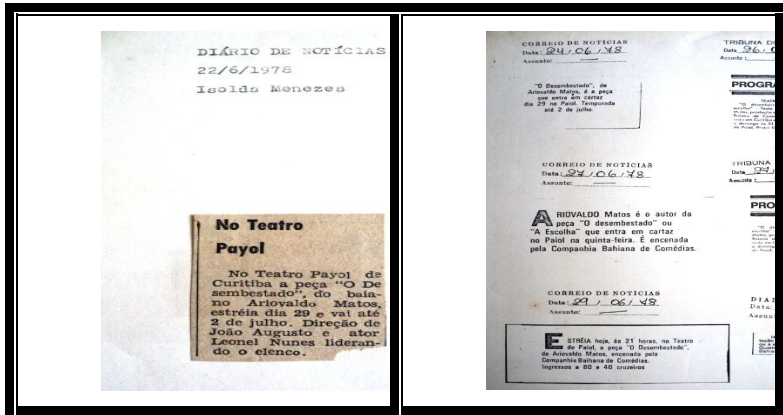


Figura 1- Exemplo da catalogação individual dos recortes feita por Ariovaldo Matos e do conjunto de recortes referentes à encenação de *A Escolha* ou *O Desembestado*, no Paraná.

No que tange a subcategoria Publicações na Imprensa sobre Ariovaldo Matos, Produção Teatral, optou-se por dividir os itens por referências as obras do autor (Exemplo: referência ao texto *A escolha ou o desembestado*), após a divisão os recortes passaram ocupar pastas-arquivo específicas de cada obra, sendo, posteriormente, organizados por jornal e ano.

Referem-se ao texto da peça *A escolha ou o desembestado* 34 itens, publicados em periódicos baianos e nacionais. Para a catalogação de cada item utilizou-se como modelo a ficha-catálogo adotada na *Equipe de edição e estudo de textos teatrais*, na qual consta referência, assunto, descrição e resumo, conforme exemplo (da **Figura 2**).

Os recortes de jornais encontrados no arquivo pessoal do autor revelam seu cuidado em preservar materiais que circundavam suas obras. Foram arquivadas informações apresentadas em diversos formatos e gêneros: notas, notícias e reportagens¹⁶. Bem como recortes de entrevistas,

¹⁶ Segundo Marques de Melo (1994, p. 65) a nota é voltada para os “acontecimentos que estão em processo de configuração”, enquanto a notícia “é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” e a reportagem “é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MELO, 1994, p. 65).

críticas, resenhas e textos de algumas colunas, como, por exemplo, a coluna Teatro, de João Augusto, publicada no jornal *A Tarde*.

Referência			
"O DESEMBESTADO" VAI ao palco no Teatro da Gamboa. <i>A Tarde</i> , Salvador, 28 ago. 1977. Recorte de Jornal arquivado no Arquivo de Ariovaldo Matos.			
Assunto			
Produção Teatral	Autoria / Direção Adaptação / Tradução	Elenco	Data e Local de encenação
A Escolha ou O Desembestado	Autoria: Ariovaldo Matos / Direção: João Augusto (Ambientação, Cartaz e Figurinos: Gilson Rodrigues / Produção executiva: Companhia Baiana de Comédias)	Soniâmara Garcia, Leonel Nunes, Mario Gadelha, Maria Auxiliadora Moraes, Regina Reginato e Pedro Juracy.	08 de setembro / Teatro da Gamboa
Descrição			
Recorte de Jornal. Título, "O DESEMBESTADO" VAI AO PALCO NO TEATRO DA GAMBOA, ao centro. Texto em 2 colunas, ao final das colunas, fotografia, seguida de legenda, Leonel Nunes, Soniâmara Garcia, Mário Gadelha e Lúcia Mascarenhas em ensaio da peça "O Desembestado". Col. 1: 40 linhas, com destaque para a subseção, EXEMPLO DE TEATRO POPULAR, com 26 linhas. Col. 2: 46 linhas, com destaque para a subseção, QUINZE ANOS DA CBC, com 22 linhas.			
Resumo			
Abordam-se acontecimentos referentes à comunidade teatral. Informa-se a respeito da estreia de <i>O Desembestado</i> ou <i>A Escolha</i> , no Teatro da Gamboa em Salvador, cuja primeira encenação ocorrera na Escola de Teatro, em 1968. Registra-se também que <i>O Desembestado</i> obteve 2º lugar em concurso instituído pela Fundação Teatro Castro Alves. Citam-se, ainda, as impressões e críticas registradas nos periódicos <i>A Folha de São Paulo</i> , <i>Folha da Tarde</i> , <i>O Estado de São Paulo</i> e <i>Última Hora</i> . Aponta-se para o aniversário de 15 anos da Companhia Baiana de Comédias e para futuras encenações do texto no interior da Bahia e Sergipe.			

Figura 2 – Ficha do recorte publicado no Jornal *A Tarde* em 28 ago. 1977

Os documentos catalogados proporcionam informações importantes para a crítica textual, pois evidenciam o texto de teatro em contato com outros textos que “o cercam e o prolongam [...] para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo” (GENETTE, 2009, p. 9). Tais elementos contribuem para o estabelecimento crítico do texto, ao tempo em que informam sobre o contexto de produção e de recepção do texto de Ariovaldo Matos, principalmente no que diz respeito à Ditadura Militar.

3. *A Escolha ou O Desembestado, de Ariovaldo Matos, na imprensa baiana.*

Ariovaldo Magalhães Matos nasceu em 1926, na cidade do Salvador. cursou, até o terceiro ano, o curso de jornalismo na Universidade Federal da Bahia. Viveu entre a dedicação à profissão de jornalista, a literatura e a militância política no Partido Comunista. Sua filiação política sempre esteve atrelada às suas produções, manifestada, principalmente, no tom de denúncia, na escolha dos temas e na construção dos personagens, muitas vezes caricaturas de personalidades da época.

Suas atividades literárias iniciam-se em 1955, com a publicação do romance *Corta Braços* e do livro de contos *A dura lei dos homens*, detentor do Prêmio Prefeitura Municipal de Salvador. Em 1965, publica o volume de contos *Últimos sinos da infância* e, posteriormente, os roman-

ces: *Os dias do medo* (1968), *Anjos no ringue*¹⁷ (1975), *Anjos caídos* (1979), *Colagem desvairada em manhã de Carnaval* (1981); tendo ainda sido publicada, postumamente, a obra *A ostra azul*, organizada por Guido Guerra.

Em sua produção como dramaturgo, Ariovaldo Matos legou cerca de seis textos que versam sobre temas como as relações humanas, o poder, a corrupção e a cultura baiana, são eles: *A escolha ou o desembestado* (1968), *A engrenagem* (1969), *Irani ou as interrogações* (1977), *E todos foram heróis cada qual ao seu modo* (1978), ganhadora do Prêmio Xisto Bahia, para o Teatro; *O ringue*¹⁸ (1975) e *Bibi telefona* (1982).

No presente trabalho, destaca-se o texto *A Escolha ou O Desembestado*, cujo enredo faz uma denúncia acerca da alienação impostas pelas religiões, relatando o momento em que um casal da classe média católica luta contra a influência do capitalismo representado por Tancredo, amigo de longa data do casal, que conseguiu enriquecer, “desembestar”, por meios ilegais. São narrados no texto, exemplos de manipulação, intolerância e corrupção, incitando a reflexão acerca do papel da educação religiosa, na manipulação da sociedade. Relata-se neste texto, que tanto a ambição desenfreada trazida pelo capitalismo e pela cultura do consumo, quanto às religiões transmitem e estimulam a submissão.¹⁹

O texto em questão, adaptação do conto “Desembestado”, do livro *Últimos sinos da infância*, do mesmo autor, foi encenado pela primeira vez, em 1968, no Teatro Santo Antônio, sob direção de Orlando Senna. Afastado do modelo aristotélico, este texto inova pelo uso de elementos épicos que podem ser percebidos desde o uso da técnica do distanciamento e a opção pelo cômico ao privilégio de temas com ênfase político-social, externos às situações vivenciadas pelas personagens (GUINSBURG *et al.*, 2006, p. 136). Este texto demonstra quanto é imperativo o

¹⁷ O romance é uma adaptação do texto de teatro *O Ringue* (1975), vetada integralmente pela Censura Federal.

¹⁸ Vetada integralmente durante a Ditadura Militar, dois dias antes de ser encenada.

¹⁹ De acordo com Althusser (1985, p. 58-59) [...] a Igreja e outros aparelhos como o Exército ensinam o 'know-how' mas sob a forma de assegurar a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua 'prática'. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, sem falar dos 'profissionais da ideologia' (Marx) devem de uma forma ou de outra estar 'imbuídos' desta ideologia para desempenhar 'conscientiosamente' suas tarefas [...].

pensamento crítico e a destruição dos grilhões que cerceiam a liberdade do pensamento e a tomada de decisão.

O texto de Ariovaldo Matos alimenta-se da premissa de Brecht em que a arte teria o poder de transformar o homem e deste em transformar a sociedade (GUINSBURG; FAIRA; ALVES DE LIMA, 2006, p. 134). Muitos dos recortes de jornais catalogados enfatizam uma aproximação de *A escolha ou o desembestado* com a obra de Brecht. O *Jornal do Brasil*, publicado em 1980, afirma ser esta obra um “teatro brechtbairiano” – por unir a percepção do mestre alemão aos temperos especiais da Bahia. Para Eduardo Cabús é marcante a influência de Brecht em Ariovaldo Matos, principalmente no que diz respeito à ausência de heróis ou heroínas em seus textos, demonstrando que, no decorrer da ação, “[...] é desejável um tempo em que os heróis e heroínas sejam desnecessários e aqui [...] encontramos Ariovaldo Matos sob as eméticas influências de Brecht” (*Tribuna da Bahia*, 1976, p. 11).

A aproximação entre Ariovaldo Matos e Bertold Brecht é confirmada pelo próprio autor ao comentar a fala de Cabús: “Influências de Brecht? Sim, aqui Cabús tem razão. No entanto, se amo ‘O Sr. Puntilla...’, as primeiras peças de Brecht me dizem pouco. Ao mesmo tempo, porém, peças como ‘Baal’, anunciam o extraordinário autor de ‘Galileu Galilei’” (*Tribuna da Bahia*, 1976, p. 11). Para outros, o texto de Ariovaldo Matos é visto “como ‘exemplo de teatro popular’ (*A Tarde*, 1977). Há, ainda, aqueles que o aproximam do Teatro do Absurdo, vendo o personagem Tancredo, como “o desinibido por excelência, o estardalhaço e a irreverência a serviço de uma vitalidade exaustiva, do tipo que mistura entusiasmo com pira falha de educação [...]” (VIOTTI *apud A Tarde*, 1977).

Considerando o estatuto do texto teatral, texto escrito para o palco, destinado a ser representado (falado), caracterizado pela ausência de rigor na sua composição e pela liberdade de criação, os recortes de jornais fornecem materiais importante para identificar as diversas apropriações do texto de Ariovaldo Mato, que revelam “a criação de novos sentidos e a abertura a um novo ‘sentir’” (MARTINS, 2007, p. 17). Através destes foi possível identificar que o texto foi encenado por diferentes encenadores (Orlando Senna, João Augusto e Aderbal Júnior), o que implica concepções cênicas e apropriações diferenciadas que, consequentemente, impõem mudanças na materialidade do texto e no seu conteúdo.

A análise da materialidade física do texto *A Escolha ou O Desembestado* será determinada pelo estudo das características da obra a ser e-

ditada, sobretudo no que tange à tradição e a transmissão deste texto. Por esse motivo, os textos de imprensa ao sugerir encenações diversas, colocam para o editor a necessidade de buscar os testemunhos que as atestem, trazendo novas possibilidades para o estabelecimento do texto crítico e estudos das variantes. É nesse sentido que a atividade do editor de textos não pode abrir mão das informações disponibilizadas nestes recortes, pois conforme Picchio (1979, p. 211-212) “nenhuma constituição textual, nenhuma emenda seriam possíveis fora ou antes de uma compreensão total, de uma interpretação no sentido mais amplo e preciso do termo”.

Através dos jornais é possível, ainda, identificar os diferentes locais em que este texto foi encenado e a recepção dos mesmos. Além da estreia baiana, *A Escolha ou O Desembestado* foi encenada, em 1970, no Teatro Paiol, em São Paulo (*A Tarde*, 1977), sob direção de Orlando Senna. Posteriormente, em Brasília, a convite da Fundação Cultural do Distrito Federal, em novembro de 1977 (COELI, 1977); no Teatro Paiol, de Curitiba, em junho de 1978, sob direção de João Augusto (DIÁRIO DO PARANÁ, 1978); e no Teatro América, no Rio de Janeiro, em 1980, sob direção de Aderbal Júnior, com a participação, no elenco, de Grande Otello, Rogéria e Nelson Caruso (MICHALSKI, 1980, p. 9).

As informações encontradas nos textos de imprensa ainda informam acerca do contexto em que os textos de Ariovaldo Matos foram produzidos e recebidos: a Ditadura Militar. Neste período, o teatro passou a ser considerada uma atividade subversiva, objeto de investigação policial. Artistas e dramaturgos foram presos, ensaios impedidos, textos confiscados e vetados parcialmente ou totalmente através dos “cortes”.

Dentre aqueles que sofreram com a perseguição política e artística, se encontra Ariovaldo Matos. Submetidos a censura, seus textos foram mutilados, fazendo com que o autor manifestasse publicamente sua revolta em muitos meios de informação. Em um dos jornais arquivados, Ariovaldo envia um recado aos censores:

Tais sabichonas e sabichões se perderam tempo com o esperar reações desesperadas de autores como Plínio Marcos e Chico Buarque de Holanda, também perdem tempo comigo. E duplamente: 1º) não deixarei de escrever e 2º) prossigo apoiando todos os esforços que se façam no sentido de que se ampliem as possibilidades de redemocratização (*A Tarde*, 1975, p. 8).

Muitos são os recortes de jornais que dão testemunho da revolta do autor frente à prática censória.

3.1. Critérios para transcrição dos textos de imprensa referentes a *A escolha ou o desembestado*

Em *Textos teatrais censurados: tipos de edição e leituras filológicas*, Santos (2008) define os critérios a serem utilizados para a edição de textos não ficcionais, como se caracteriza a maioria dos textos de imprensa encontrados no arquivo pessoal de Ariovaldo Matos. Foram propostos os seguintes critérios:

1. Atualizar a grafia, segundo a norma em vigor;
2. Acentuar conforme as normas vigentes;
3. Manter a pontuação original, exceto nos casos de erro ou gralha tipográfica, para os quais se fará a correção;
4. Uniformizar a separação vocabular, segundo sistema atual;
5. Respeitar as opções tipográficas dos jornais (o sectionamento dos textos, parágrafos, itálicos, negritos, aspas, etc.);
6. Uniformizar os títulos das matérias, em caixa alta, centralizado;
7. Corrigir as gralhas e erros tipográficos, sem comentários, para os erros provindos de lapsos evidentes. Os eventuais acréscimos (de vocábulo ou de pontuação), utilizados para compensar as omissões por lapso óbvio, serão identificados entre colchetes;
8. Numerar as linhas do texto de cinco em cinco

Segue exemplo de transcrição de texto:



Figura 3 – Texto publicado no Jornal A Tarde, em 29 jul. 1977. Abaixo, o texto transcrito conforme normas editoriais adotadas apresentadas.

“O DESEMBESTADO” VAI AO PALCO NO TEATRO DA GAMBOA	
<p>Com João Augusto na direção e Leonel Nunes no principal papel “O Desembestado ou A Escolha”, peça de Ariovaldo Matos, será encenada no Teatro Gamboa a partir de 8 de setembro. Também vivendo importantes papéis, participam do elenco Soniamara Garcia e Mário Gadelha, igualmente com longa experiência profissional. Ambientação, cartaz e figurinos são de Gilson Rodrigues.</p> <p>Obtendo 2 lugar em concurso instituído pela Fundação Teatro Castro Alves (o 1 lugar coube a João Augusto, com “Quincas Berro D’água”, “O Desembestado” foi inicialmente encenada, em maio de 1968, na Escola de Teatro, com direção de Orlando Senna, participando do elenco, entre outros, Lorival Pariz, Vinicius Salvatore e Rita Maria, permanecendo em cartaz durante mais de um mês.</p> <p>Foi, porém, em São Paulo, que o trabalho do dramaturgo baiano obteve maior êxito: permaneceu em cartaz durante seis meses</p>	<p>burguês “é fantasticamente religiosa”, sendo utilizada pelo marido como simples objeto de alcova e cozinha e isso, segundo crítica de “O Estado de São Paulo” é “intencional e segura ampliação da realidade”. Ainda em “O Estado de S. Paulo” o cronista Sérgio Viotti, também dramaturgo e cineasta, escreveu artigo intitulado “Vitalidade Baiana” e identifica no autor baiano “parentescos com o teatro do absurdo”, definindo o personagem principal como “o desinibido por excelência, o estardalhaço e a irreverência a serviço de uma vitalidade exaustiva, do tipo que mistura entusiasmo com pira-falha de educação... com seu filosofismo de vida e relações humanas, angústias íntimas e estados de alma da mais alta exaltação”.</p> <p>Na meia página que dedica a teatro, “Última Hora”, em crítica assinada por João Apolinário, acentuou:</p> <p>“O Desembestado é um espetáculo com todas as características populares, sem trair o nível médio de representações dos nossos</p>

<p>no Teatro Paiol, Perry Salles vivendo o personagem principal, e foi adaptada para a TV Cultura, com direção de Antunes Filho.</p> <p>EXEMPLO DE TEATRO POPULAR</p> <p>Na capital paulista “O Desembestado” estreou em agosto de 1970 e “A Folha de São Paulo” indicou o espetáculo como “exemplo de teatro popular”, acrescentando numa tentativa de resumo da peça:</p> <p>“Pensem em um sujeito que enriqueceu de repente e que apreendeu o mundo com sua brutalidade. E agora, imaginem o encontro deste homem com um casal de pequenos burgueses que pensam, apenas, na tranquilidade e na segurança do futuro. Somem ao trio, uma violonista e duas prostitutas e o resultado é uma tragicomédia de alto nível”.</p> <p>Mas, de acordo com Paulo Lara, cronista especializado da “Folha da Tarde”, a mulher do casal pequeno</p>	<p>valores: como peça é uma beleza de linguagem, perfeitamente assimilante do nosso temperamento psicológico e social, anedótica sem esforço, didático em preconceitos, verdadeira sem chichês estereotipados e tendenciosos”.</p> <p>QUINZE ANOS DA CBC</p> <p>Com “O Desembestado” a Companhia Baiana de Comédias, fundada por Leonel Nunes, que ainda a dirige, comemora 15 anos de ininterruptas atividades teatrais. Segundo Leonel Nunes, a peça, após a temporada no Gamboa, excursionará em cidades do interior baiano e será montada em Sergipe, voltando, em seguida, à nossa capital. O diretor da CBC não exclui a possibilidade de exposições no Rio e em Brasília.</p> <p>De “O Desembestado” participam, ainda, Maria Auxiliadora Moraes (prostituta n°2), Regina Reginaldo (Prostituta n°1) e Pedro Juracy (violonista).</p>
---	---

4. Considerações finais

A partir do que foi exposto, compreende-se que os textos veiculados na imprensa além de narrar uma conjuntura política, cultural, social e ideológica, situada num determinado momento histórico, proporcionam importantes elementos para a crítica textual, no que tange a edição de textos teatrais censurados e para as diferentes possibilidades de estudos dos mesmos.

Os materiais, encontrados no arquivo pessoal de Ariovaldo Matos, unidos a outros elementos como certificados de censura, pareceres, fotografias e depoimentos, possibilitam situar as diferentes encenações dos textos de teatro do autor, compreender as mudanças de um testemunho a outro em função da ação da censura ou de concepções cênicas diferentes, bem como permitem inserir sua obra no cânone da literatura dramática baiana e situá-la no debate geral acerca da censura ao teatro imposta durante a ditadura militar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Rafael Cano. *Introducción al análisis filológico*. [s.l.]: Castalia, [2000?].

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Walter André Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Prefácio de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê, 2009.

_____. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, ago. 1998.

GRÉSILLON, Almath. *Elementos de crítica genética*: ler os manuscritos modernos. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al., superv. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Edufrgs, 2007.

KOCH, I et al. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. 2. ed. Tradução de Maria Ehrardt e Maria Luisa Schemann. Lisboa: Calouste Gullbenkian, 1981.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 423-483.

MARTINS, Rita. *Raul Brandão do texto à cena*. Lisboa: Imprensa Nacional da Moeda, 2007.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MICHALSKI, Yan. *O teatro sobre pressão*: uma frente de resistência. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MOISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, n. 10, 1993, p. 07-28. Disponível em>

<<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>

Acesso em: 02-05-2011.

PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *La edición de textos*. Madrid: Síntesis, 1997.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O método filológico: Comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários. In: _____. *A lição do texto*. Filologia e literatura. I – Idade Média. Trad. De Alberto Pimenta. Lisboa: Edições 70, 1979.

SANTOS, Rosa Borges dos. A edição de textos de imprensa para estudo do teatro e da censura na década de setenta (1970). In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 12., 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: CiFEFil, 2009. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/a_edicao_d_e_textos_de_imprensa_para_estudo_ROSA.pdf>. Acesso em: 20-04-2011.

SANTOS, Rosa Borges dos. O texto como documento social e histórico: por uma análise filológica. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 12., 2008, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: CiFEFil, 2008. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos>. Acesso em: 08-02-2011.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos (2000). *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho*: processo de criação de uma tese de doutorado. Salvador, Instituto de Ciência da Informação, 2005.